

PMS	FMA	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal	Tribuna da Bahia	
Data	30/04/02	
Caderno	B. Metropolitana	
Seção	4	
Assunto		
Bairro Calabar		

EXEMPLO

União de moradores transforma Calabar

Apesar de várias conquistas, o bairro necessita da ampliação do posto de saúde e de saneamento

NAIRA SODRÉ

Encravado entre o Jardim Apipema, o Cemitério do Campo Santo e a Avenida Centenário, o bairro do Calabar abriga hoje mais de 17 mil pessoas. A comunidade inchou e os problemas se multiplicaram, afirma a presidente substituta da Sociedade Beneficente e Recreativa do Calabar, Alaide Gonçalves Ribeiro. A grande preocupação no momento é com as encostas que precisam ser limpas, principalmente as que ficam próximas à Baixa do Bispo, às ruas Coração de Maria e Raulfo Oliveira.

Por conta do crescimento do Calabar, o saneamento básico implantado em 1981 se tornou precário. Tantos os esgotos como a rede pluvial estão entupidos. Quando chove, as águas invadem casas e as ruas ficam totalmente alagadas. Para Clélio Vitorio, morador e colaborador da Sociedade Beneficente, apesar dos problemas, a comunidade conta com a ajuda de órgãos governamentais e diversas entidades.

OFICINAS

Dentro deste aspecto, a comunidade tem posto médico, creche do governo do Estado, a Escola Aberta do Calabar, quadra de esportes, posto policial, gabinete odontológico, assistência nutricional

e o prédio onde funciona o Provida, destinado a gerar emprego e renda.

No projeto Provida, os adolescentes frequentam as oficinas de padaria, marcenaria, artesanato e reciclagem de papel. No campo cultural a comunidade tem à disposição cursos de capoeira e reforço escolar. As oficinas ficaram paralisadas por quase dois anos, até que o ex-secretário do Trabalho, Heraldo Rocha, reformou o prédio. Com isto, a Sociedade Beneficente e Recreativa do Calabar pode reativar os convênios com a Fundac e a Fundação José Silveira.

A Escola Aberta do Calabar, que já foi apontada como modelo, e é detentora de vários prêmios, atravessa dificuldades por falta de material didático, afirma a diretora, Nilza Santos. Para resolver o problema, a dirigente escolar afirma que já encaminhou pedido para a Secretaria de Educação. Os serviços comunitários e a escola que sempre funcionaram através de doações, encontram grandes parceiros na Fundação José Silveira, no Grupo Encontro da Suíça, na empresa Tatu Turismo e na Associação Americana Internacional.

Na questão saúde, o posto médico do Calabar vive superlotado e, segundo Alaide Gonçalves Ribeiro, está precisando de ampliação. Em 1990, quando foi construído, o posto atendia às necessidades da comunidade. Hoje, com uma população estimada em mais de 17 mil e ainda atendendo a comunidades adjacentes, como Alto das Pombas e Roça da Sabina, o espaço físico ficou pequeno.

No posto médico a comunidade do Calabar tem à disposição quatro clínicos, dois



LUTA
Um dos muitos becos que compõem a paisagem do local

ginecologistas, dois pediatras e um hebiatra. Exames clínicos, serviço de vacinação, curativo, planejamento familiar, nutricionista, dentistas e psicólogos. Ao lado disso, conta ainda com sete agentes de saúde comunitário e seis agentes de limpeza, estabelecidos através de convênio firmado entre a Sociedade e a Limpurb. Na questão de combate às drogas, a Sociedade firmou convênio com o Cetad, que ministra cursos, palestras

e orientação, promovendo um tratamento preventivo.

Para o morador Francisco dos Santos, o Calabar é um bom local para se viver. Tem os seus problemas, mas são mínimos em relação a outras invasões. Morando no Calabar há cinco anos, Francisco aponta a Escola Aberta como um dos grandes benefícios para a comunidade, apesar de achar que os moradores já poderiam contar com uma escola de primeiro e segundo grau. A grande dificuldade, acredita, é a falta de espaço.

Origem do bairro seria um quilombo

O Calabar pode ser definido como uma comunidade pobre, cercada de bairros ricos, abrigando mais de 17 mil moradores e uma grande miséria. Quando começou a receber os seus primeiros moradores na década de 50, o local era somente um matagal. Havia uma fazenda e uma horta. Hoje, à sua volta emergem edifícios luxuosos. Alzira Ribeiro dos Santos, de 62 anos, foi uma das pioneiras no Calabar. Antes do casamento, morava em Itapagipe e trabalhava na extinta fábrica da Souza Cruz. Depois que casou foi morar no que mais tarde viria a ser um bairro-modelo da luta comunitária em Salvador.

Alzira conta que, quando chegou no Calabar, ninguém sabia que tinha casa por lá, os moradores da ci-

dade só iam até a área na época do Natal para comprar frutas na fazenda de Maria Pinho. "Naquele tempo aqui era muito tranquilo e podíamos dormir até com a janela aberta que ninguém incomodava. Não tinha nenhum edifício e tudo aqui era mato. Havia só uma horta que vendia verduras e flores. A delinquência veio depois", de acordo com Alzira, e os marginais se escondiam no Calabar, mesmo não morando no local.

O bairro hoje é muito diferente. No início, quando os moradores começaram a se organizar, as condições de moradia eram subumanas. Um esgoto cortava a rua principal e deixava a população entregue a toda sorte de doenças. As crianças eram as mais afetadas. Muitas delas caíam na vala do esgoto e o índice de mortalidade

era assombroso. Hoje, boa parte das ruas está pavimentada e o bairro conta agora com diversos equipamentos sociais, construídos com o esforço comum dos moradores.

A Rádio Comunitária do Calabar hoje está consolidada e é considerada um elemento importante na organização da comunidade e no divertimento dos habitantes locais. A estação, que no início foi montada no andar superior da Escola Aberta, hoje funciona em um sala da sede da Sociedade Beneficente e Recreativa do Calabar e conta com cinco alto-falantes fixados em pontos estratégicos do bairro. Seus equipamentos são simples e os locutores são os jovens que moram no bairro.

Os moradores do Calabar nunca chegaram a se intimi-

dar com as dificuldades que encontraram ao longo dos anos. As conquistas que obtiveram, conforme líderes da Sociedade Beneficente e Recreativa, se devem ao crescimento da consciência política coletiva. Os moradores do Calabar são muito solidários uns com os outros e descobriram com o tempo que não se deve ficar de braços cruzados, esperando que as coisas aconteçam. E foi depois de muita luta que uma creche foi instalada no bairro.

A origem do nome talvez seja o passo inicial para contar como uma comunidade conseguiu mudar o mapa de Salvador. Calabar vem de "Kalabari", denominação de tribo africana da Nigéria. Fala-se que onde hoje é o bairro, existiu um combativo quilombo. O que antes era favela, a partir de 1977 passou a ser estruturado como bairro. "Nossa luta começou quando decidimos enfrentar a especulação imobiliária em 1977, conta a moradora Lindalva dos Reis. Na época, o governador Roberto Santos resolveu tirar todas as invasões dos pontos nobres da cidade".

"Nossa luta começou quando decidimos enfrentar a especulação imobiliária em 1977. Na época, o governador Roberto Santos resolveu tirar todas as invasões dos pontos nobres da cidade"